A “ERA DAS UTOPIAS”: OS IMPACTOS DA PANDEMIA POR COVID-19 NO CAMPO DE UMA BIOANTROPÓLOGA EM FORMAÇÃO

Ana Carolina da Silva Brito de Azevedo¹

Resumo

Este artigo tem como objetivo apresentar os impactos que a pandemia por Covid-19 causou na coleta de dados de uma bioantropóloga em formação. Será apresentado em forma de relato, em primeira pessoa, através da descrição das experiências no recrutamento e nas visitas às casas das puérperas participantes do projeto Microbioma Intestinal Infantil: uma investigação biocultural. Mais de 500 mil mortes em dois anos seguidos de insegurança no contato direto e indireto de pessoas infectadas e/ou reinfectadas sintomáticas e assintomáticas. Essas características da Covid-19 foram desafiadoras no recrutamento das grávidas e puérperas nas unidades de saúde públicas e particulares. E por conta dessas dificuldades, tanto a pesquisa quanto as participantes tiveram de se adequar à realidade imposta pela Covid-19, que no atual cenário caótico, a ciência brigou de cabo de aço com as *fake news*.

Palavras-chave: Coronavírus; Bioantropologia; Biocultural.

¹ Historiadora e Mestranda em Bioantropologia do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal do Pará (PPGA/UFPA). E-mail para contato: anacarolinabrito020@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A pandemia tem assolado vidas ao redor do mundo, além de impactar significativamente nosso modo de vida. Não há mais rostos sem máscaras ou mãos sem álcool. O mínimo para viver - a capacidade de respirar - nos é tirado pelo vírus. Enquanto escrevo, mais de 500 mil brasileiros morreram de uma doença que já existe vacina.

Dentro desse contexto, ainda há Ciência. Sempre há! Projetos e pesquisas em andamento são parte fundamental para que exista um futuro científico e um presente de coragem de enfrentar o vírus, a negação e o desmonte da educação. O projeto no qual faço parte investiga a formação do Microbioma Intestinal de crianças a partir de uma perspectiva biocultural desde o primeiro mês de vida até os dois anos de idade. Em parceria com a Universidade de Ohio, Universidade de São Paulo e a Universidade Federal do Pará, recrutamos mulheres grávidas de diferentes níveis socioeconômicos (NSE) e realizamos visitas domiciliares. A equipe é multidisciplinar, composta por cientistas sociais, biólogos e ecólogos.

Inserido no universo desse projeto, há o meu projeto de dissertação de mestrado “Cuidados em Saúde em Crianças de 0 a 3 meses de vida em Belém, Pará”, que possui o intuito de investigar práticas de cuidados a partir do processo de adoecimento em crianças nos três primeiros meses de vida em famílias de NSE em Belém.

Utilizo o aporte teórico e metodológico do campo bioantropológico, principalmente no que tange a estudos através de uma perspectiva biocultural que também me permitem investigar no âmbito cultural como as tomadas de decisões são influenciadas não somente pela percepção dos cuidados de alguma enfermidade nas crianças, mas também como o nicho cultural está imbricado nos processos de decisões em saúde e doença.

Iniciamos o projeto e os recrutamentos em 2020 durante a pandemia. Tivemos que nos adaptar a uma nova realidade de confinamentos, medo e angústia das futuras mães que demonstram suas incertezas em nos aceitar para dentro de suas casas e de suas vidas. Esse artigo em forma de relato de experiência possui como objetivo principal mostrar a importância da abordagem biocultural, além de compreender a doença a partir da perspectiva

biossocial de saúde e como contextos sindêmicos, como o que estamos vivendo, impacta em pesquisas no campo bioantropológico.

2. A ABORDAGEM BIOCULTURAL, CONTEXTOS SINDÊMICOS E PERSPECTIVA BIOSSOCIAL DE DOENÇA.

A abordagem biocultural é utilizada pela Bioantropologia desde 1950, quando a disciplina passou por uma transformação teórica e metodológica se distanciando de preceitos fundados por uma Antropologia Física conectada à pressupostos descritivos e tipológicos (Fuentes 2010). A biocultura pode ser caracterizada como uma abordagem que engloba os aspectos biológicos e culturais, levando em consideração o processo dinâmico entre os seres humanos e os ambientes em que vivem (Dufour 2006).

A abordagem biocultural não é utilizada somente no campo bioantropológico, sendo apresentada nas áreas da Antropologia Médica e da Antropologia Social (Goodman & Leatherman 1998). Nesse sentido, a biocultura é importante para que possamos compreender os contextos da chamada “biologia da pobreza”, que se atenta no impacto que as condições econômica e social possuem na biologia das pessoas (Dufour 2006).

A pobreza é uma realidade de mais de 13 milhões de brasileiros e atinge o seu maior percentual em pessoas pardas e negras². Em contextos atuais, com a pandemia por Covid-19, o que podemos perceber é que pessoas em situações de vulnerabilidade social são as maiores impactadas em cenários sindêmicos.

A Sindemia é caracterizada por agrupar doenças que podem interagir entre si e agravar as condições de saúde em contextos de injustiças sociais e desigualdades (Singer et al. 2017). Segundo os autores, o modelo biossocial de saúde reconfigura o modo de se enxergar a doença como um fenômeno separado do ambiente social em que é encontrado. Além disso, os fatores políticos, econômicos e ambientais podem comprometer a saúde de determinada população, como é o caso do empobrecimento e o isolamento social em tempos atuais.

² Fonte: IBGE. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (2019)

Nesse sentido, é importante ressaltar que os cenários de crises, segundo Castro et al. (2018) se remete a pontos de vistas, percepções e experiências que possuímos comparando o momento presente com o anterior, quando a crise não estava findada. Nós, como pesquisadores afetados pela pandemia por Covid-19 e pelos desmontes consecutivos da Ciência, precisamos nos posicionar em favor da vida. Minha reflexão como pesquisadora em formação no campo bioantropológico se situa na minha experiência em campo com mulheres: mães das mais diversas classes sociais que me acolhem em suas vidas e abrem as portas das suas próprias vivências na maternidade e que estão também sendo afetadas pela pandemia por Covid-19 e pelo caos.

3. QUANDO O MUNDO PAROU: O IMPACTO POR COVID-19 NO CAMPO DE UMA BIOANTROPÓLOGA EM FORMAÇÃO.

Março de 2020. Um vírus. Logo uma epidemia se transformaria em pandemia. O mundo parou. Logo quando eu ingressei no mestrado em Antropologia na área de concentração em Bioantropologia na UFPA. Logo quando íamos iniciar as pesquisas. Tudo foi suspenso. As incertezas geraram histeria. Os dias pareciam os mesmos, mais e mais pessoas infectadas, hospitais cheios, familiares internados e a medicina na angustiante busca por decifrar algo novo e inesperado.

Um dos principais desafios no campo foi o primeiro momento do recrutamento das grávidas na Unidade Básica de Saúde do Guamá. Apesar das explicações do projeto e o quanto seria importante para a saúde dos seus bebês, eu conseguia enxergar os momentos de hesitação delas. “Vocês vão tocar no meu bebê?”, era uma das primeiras dúvidas e que tivemos que adaptar a abordagem das coletas em campo para a nova realidade.

Para que atendêssemos às demandas das restrições sanitárias impostas pela Covid-19, iniciamos a ida, em dupla, na casa das puérperas que aceitaram participar da pesquisa. A primeira experiência foi a visita com uma sacola cheia de equipamentos... Parávamos em cada esquina, cansadas pelo peso das sacolas e veio a ideia de uma mala que comportasse todos os equipamentos para facilitar nossas coletas.

Com uma mala de 23 kg carregada de equipamentos antropométricos como balança de adulto, balança infantil, estadiômetro, adipômetro e material de coleta de saliva, água e leite materno. Nas casas tive de pedir ajuda da mãe para medir e pesar o bebê obedecendo a um pedido delas em não pegar no seu filho. Não toco neles, com a preocupação em respeitar uma solicitação e o medo em ser a responsável por transmitir um vírus a uma nova vida em tempos de mortes. Observo de longe aquela nova vida em tempos tão sombrios. Não podemos tocá-los, sendo vigiadas constantemente pelas mães e parentes ao redor, tomando cuidado em usar luvas cirúrgicas e trocá-las a cada coleta de amostras diferentes. É reconfortante saber que mesmo com todos os cuidados e limitações que o momento nos impôs, estamos conseguindo fazer com que muitas mães continuem no projeto. Mensagens de afeto são comuns após as visitas e com o tempo elas passam a confiar os seus filhos e filhas no nosso colo. Coletamos amostras biológicas, dados demográficos, econômicos, de insegurança alimentar e hídrica em contextos macro e micro, além de investigar a percepção que as próprias mães possuem da sua saúde e de seus filhos.

No campo, acontecem inúmeras situações que nos esgotam, como uma mãe que no último momento, na porta da sua casa, nos pede para irmos embora, pois o medo do vírus é maior. Algumas mães preferem que parte da coleta seja aplicada de forma remota, elas marcam o dia e o horário e quando ligamos, elas não atendem ou pedem para remarcar e, novamente, não respondem. Procuramos compreender os desafios de gerar uma nova vida em uma situação caótica como a pandemia do Coronavírus, mas quem poderia nos entender? Compreender que insistir e persistir fazendo coleta de campo é um ato de obstinação?

Pesquisar sobre cuidados em saúde frente à enfermidade infantil é ter em mente que os processos de decisão são perpassados fortemente por influências culturais. Para Czeresnia et al. (2013) os sentidos que são atribuídos à saúde e doença são de cunho individual, mas a singularidade que cada mãe constrói, se dá de forma coletiva. Reformular, readaptar e repensar estratégias para conseguir mães que queiram participar do projeto não foi fácil, mas estamos conseguindo.

A Antropologia é pensada, segundo Goldman (2006), para se compreender a diferença e a razão ou a desrazão do outro. As razões que levam as mães a aceitarem participar de um projeto científico no meio de uma pandemia são múltiplas: a importância de

cuidados em saúde com seus filhos, a qualidade da água que é consumida em suas casas, a qualidade do leite materno que alimentam seus filhos, saber sobre os patógenos presentes nas fezes tanto delas quanto de seus bebês e o acompanhamento do desenvolvimento infantil ao longo de dois anos, para citar algumas delas.

Um ponto crucial na minha pesquisa é a observação participante orientada por teorias etnográficas. Segundo Magnani (2009), a etnografia é uma forma especial que os pesquisadores possuem de atuar, com isso entramos em contato com o universo dos pesquisados e estabelecemos uma relação de troca.

É necessário me desfamiliarizar do meu familiar (Eckert 2012), exercendo a prática do estranhamento em campo. Não tenho a experiência de ser mãe, de passar horas em trabalho de parto, de amamentar, do cuidar, portanto meu cotidiano em campo é dual: me desfamiliarizando do meu familiar e estranhando a experiência do “Outro”, logo um cotidiano sempre reinventado (Eckert 2012). Gomes e Menezes (2007) citam que diversos autores se referem sobre uma dupla identidade dos pesquisadores: antropólogos e nativos. Estudar a minha própria sociedade e em um contexto social e econômico que se aproxima do meu é desafiador e requer uma autocrítica maior, por conta do envolvimento que se desenrola em campo.

O trabalho de campo e a coleta de dados quantitativos ainda estão em curso.³ Tem sido um desafio para uma historiadora e iniciada na Bioantropologia. Um desafio cumprido com muitos olhares, muitas escutas e muita escrita (Cardoso de Oliveira 1998).

4. COMENTÁRIOS FINAIS

Tem gente que fala em “novo normal”, que a vida “vai voltar”. A vida vai voltar para as mais de 500 mil famílias que perderam alguém que amavam? Aílton Krenak (2020) espera que nunca voltemos à normalidade, porque se voltarmos, a vida desses brasileiros que

³ Atualmente, uma parte das amostras coletadas estão em processo de análise no laboratório do Departamento de Alimentos e Nutrição Experimental da Universidade de São Paulo e semanalmente há a coleta e armazenamento das amostras seguintes no Laboratório de Ecologia e Conservação da Universidade Federal do Pará (UFPA), campus Belém. O trabalho de campo e a coleta de dados quantitativos e qualitativos continuarão até outubro de 2021, seguido de análises estatísticas e análises etnográficas.

morreram foi em vão. Porque iremos contar com o amanhã se o hoje está perdido em uma fantasia de voltar à uma realidade que nunca foi “normal”.

Se o século XX foi a “Era dos Extremos” segundo Eric Hobsbawm (1995), o século XXI será a “Era das Utopias”, onde daqui a alguns anos, iremos viver como se nada tivesse acontecido, como se cada onda pandêmica tivesse sido uma provação divina ou um “mal necessário” para que a humanidade ficasse mais unida, mais “humana” e mais resiliente.

O impacto que a Covid-19 teve foi incalculável, principalmente em um país onde se escolhe deixar a morte chegar mais e mais perto, como o Brasil. Onde pessoas se negam a selar o pacto coletivo de saúde pública não usando máscaras ou escolhendo qual vacina tomar por conta de *fake news* que se tornaram parte do cotidiano. Nós cientistas temos que lidar com um futuro assombroso e um presente aflitivo, além de contestar e refutar informações de rápida propagação sem uma comprovação científica e que segundo Matos (2020) são adversárias da saúde pública e ajudam a banalizar as mortes e a Ciência.

É essencial estudos bioantropológicos para se compreender os impactos da pandemia do Coronavírus na biologia e na cultura dos indivíduos. Persistir e oferecer meus dias para compreender os cuidados em saúde em recém-nascidos, além de integrar uma equipe multidisciplinar e aprender procedimentos de laboratório, tem sido desafiador principalmente no contexto atual. A pandemia vai passar algum dia, entretanto os seus efeitos em nossas vidas e na nossa era vão se estender por muito tempo.

Referências

- Castro, R., Engel, C e Martins. R. 2018. Crise por quê? Crise pra quem? In: *Antropologias, saúde e contextos de crise*- Organizadoras Castro, Engel e Martins. – Brasília: Sobrescrita, 198 p.
- Czeresnia, D., Maciel; E.M.G.S. e Oviedo, R.A.M. 2013. *Os sentidos da saúde e da doença*. Rio de Janeiro: Fiocruz.
- Dufour. D. L. Biocultural Approaches in Human Biology. *American Journal of Human Biology*, 18:1–9.
- Fuentes, Agustin. 2010. The New Biological Anthropology: Bringing Washburn's New Physical Anthropology Into 2010 and Beyond - The 2008 AAPA Luncheon Lecture. *American journal of physical anthropology*.
- Goodman, A.H. e Leatherman. T.L. 1998. Traversing the chasm between biology and culture: an introduction, in *Building a New Biocultural Synthesis: Political Economic*

- Perspectives on Human Biology (eds A. Goodman and T. Leatherman), *University of Michigan Press, Ann Arbor, MI*, pp. 3–41.
- Hobsbawm, E. 1995. *A era dos Extremos: O breve século XX*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Krenak, A. 2020. *O amanhã não está à venda*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Matos, R. F. 2020. Fake news frente à pandemia de Covid-19. *Vigilância Sanitária em Debate: Sociedade, Ciência & Tecnologia*. 8(3):78-85.
- Singer, M.; Bulled, N.; Ostrach B. e Mendenhall, E. 2017. Syndemics and the biosocial conception of health. *The Lancet*. 389(10072):941-950.